

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR

FEBRAPSI
Responsabilidade Social
PÁGINA 3

EVENTO
Congresso Brasileiro
de Psicanálise
PÁGINA 5



Apolo e Dioniso NA CONTEMPORANEIDADE





Queridos Colegas!

O exercício da Presidência da FEBRAPSÍ tem me permitido o contato direto com a vitalidade do movimento psicanalítico brasileiro em suas várias regiões. Tenho constatado nos encontros, jornadas, simpósios etc o envolvimento dos psicanalistas com os debates teóricos na busca constante por um aprimoramento que possibilite atender melhor nossos pacientes e por ampliar a participação da Psicanálise na Cultura.

Mas, nesta edição do FEBRAPSÍ Notícias, me proponho a abordar outra dimensão do movimento psicanalítico.

Gostaria de pensar, com vocês, sobre o ser psicanalista. Nossa atividade tem peculiaridades que a difere de qualquer outra. Trabalhamos em um ambiente fechado e sem testemunhas; procuramos manter um enquadre para que nosso trabalho possa acontecer; nossas mentes devem estar livres de pré-concepções, livres para novas e inéditas percepções, sem desejos e que nossa memória seja temporariamente abolida. Com estas e tantas outras peculiaridades do nosso ofício, todas livres de amarras que possam impedir o surgimento do novo e do inédito, podemos pensar em regulamentações ou regulações para esta atividade?

Muitos pensam que sim: grupos possuidores de ambições espúrias, como instituições que crescem em nosso meio, com formações orientadas por religiosos, com cursos de fim de semana e duração de um ano, com um currículo, que para nós psicanalistas, pode ser visto não apenas como trágico, mas também como cômico. Há, entretanto, os bens intencionados, que imaginam que uma regulamentação protegerá aqueles ligados a instituições sérias e que exercem uma boa psicanálise, além, evidentemente, de uma proteção para os pacientes que poderão ser orientados para psicanalistas possuidores de uma boa formação. Ledo engano.

Caso a psicanálise seja regulamentada como uma profissão, esta o será, com toda probabilidade, como uma profissão de nível superior. Em um primeiro momento, todos que de uma forma ou outra, provarem que exercem a atividade de psicanalista serão reconhecidos como tal. Lembremo-nos que aquelas formações ligadas às igrejas evangélicas dizem já ter formado mais de três mil membros e serão, naturalmente, reconhecidos como analistas.

O passo seguinte à regulamentação de uma profissão de nível universitário será o Ministério de Educação estabelecer normas para o currículo da formação deste profissional. O seu ensino será ministrado por uma faculdade: Faculdade de Psicanálise. As faculdades devem pertencer a uma universidade, e já existem várias ambicionando formar uma faculdade de psicanálise.

Uma vez concluído todos os trâmites para a regulamentação da profissão e de como se dará sua formação, os Institutos de Formação das Sociedades de Psicanálise não mais poderão formar psicanalistas, pois esta competência passa a ser das Faculdades.

Imaginemos que o Ministério de Educação consulte várias Sociedades de Psicanálise sobre o melhor currículo para a formação de um psicanalista. É consenso entre nós de que a formação se baseia em um tripé: análise pessoal, cursos teóricos clínicos e supervisões. Surge a questão: Como poderá ser regulamentada a análise destes alunos? Esta é uma questão que parece não ter uma solução frente ao que pensamos ser uma formação psicanalítica: a análise pessoal não é negociável para a formação de uma analista.

No ano de 2000, o então presidente da ABP - atual FEBRAPSÍ - Wilson Amendoeira, junto com várias entidades psicanalíticas brasileiras, independentemente de suas correntes teóricas ou filiações a entidades internacionais, criou um grupo visando a constituir um fórum que discutisse questões ligadas ao Ofício de Psicanalista. Este movimento, nomeado "Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras" tem se reunido periodicamente, desde então. Os participantes deste fórum são unânimes em ver que qualquer regulamentação da psicanálise acarretará sua descaracterização, senão: a sua destruição como a pensamos. O principal alvo é impedir e bloquear qualquer iniciativa que vise uma regulamentação.

A Articulação publicou um interessante livro intitulado "O OFÍCIO DO PSICANALISTA - FORMAÇÃO VS. REGULAMENTAÇÃO", editado pela Casa do Psicólogo. Nesta publicação são expostas as razões e os motivos que os levam a luta pela manutenção da psicanálise como atividade independente de regulamentações do estado.



Aloysio Augusto D'Abreu
PRESIDENTE

Caros leitores,



EDITORIAL

A atividade de publicação de um jornal de uma federação de abrangência nacional como a FEBRAPSÍ possibilita à Comissão Editorial um contato mais próximo com as federadas e os colegas que as compõem.

Em função da busca por notícias sobre as Sociedades e Grupos de Estudos temos constatado a quantidade e a diversificação de eventos promovidos pelas nossas instituições buscando ampliar a força científica da Psicanálise e a interação entre os membros das federadas de nosso país. Nesta edição, publicamos notícias sobre algumas atividades das federadas, bem como sobre os congressos da FEBRAPSÍ, da FEPAL e da IPA.

Além disso, consideramos importante nos manter conectados com os movimentos políticos de nossas instituições. E, na medida em que, a partir de fevereiro de 2015, estaremos vivendo o processo eleitoral da IPA para a escolha dos próximos dirigentes, consideramos oportuno chamar a atenção dos leitores para a necessidade de exercermos o direito ao voto nesta escolha, a fim de valorizarmos a representação brasileira em nossa entidade maior.

Mas as Federadas têm mostrado também uma preocupação em se aproximar dos vários segmentos de nosso entorno social, tendência esta que evidencia uma transformação em relação a épocas não muito distantes. Por isso, publicamos nesta edição uma matéria sobre o encontro promovido pela FEBRAPSÍ com o objetivo de promover o conhecimento mútuo entre os membros envolvidos nestas realizações.

Ainda no âmbito da relação do movimento psicanalítico com as vicissitudes da sociedade em geral, a Comissão Editorial escolheu os mitos de Apolo e Dionísio com o objetivo de esboçar qual a ligação simbólica dessas duas divindades (discernimento e ordem, por um lado, e êxtase e selvageria do outro) com os poderes antagônicos e complementares que atuam nas mentes do indivíduo e do coletivo. Para abordar essas relações contamos com os colegas Mario Smulever, Valton de Miranda Leitão e Alicia Lisondo e a Profª Maria Cristina Franciscato.

*Em nome da Comissão Editorial,
desejamos a todos uma boa leitura!*



Zelig Libermann
EDITOR

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Zelig Libermann
Editora Associada: Katia Wagner Radke
Comissão Editorial: Carlos Augusto Ferrari Filho,
Elisabeth Meyer Wolf e Sandra Regina Wolffenbüttel.
Jornalistas Responsáveis: Ana Klein DRT/RS 8741
Vera Nunes DRT/RS 6198

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst - CLEMENTE DESIGN
Impressão: Gráfica Camaleão

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise
Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704 - RJ - CEP 22020-001
Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138
email: febrapsi@febrapsi.org.br | site: www.febrapsi.org.br

Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas para jornal@febrapsi.org.br

Responsabilidade social das INSTITUIÇÕES PSICANALÍTICAS



Hoje, tornou-se inquestionável a inclusão das instituições psicanalíticas no seu entorno social. A mente do psicanalista, preparada para um tipo específico de escuta, também pode estar presente em atividades profissionais fora do consultório. E produz resultados a partir de intervenções baseadas na dinâmica do Inconsciente. A Psicanálise, o legado freudiano, entrelaçou-se a todas as produções da Cultura, de onde se originou. É nesse contexto que a FEBRAPSI promoveu o evento "Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas", realizado nos dias 25 e 26 de julho de 2014, em Porto Alegre. Na sessão de abertura, Aloysio Abreu, Presidente da FEBRAPSI, e Leonardo Francischelli (SBdePA), um dos idealizadores do encontro, ressaltaram a importância da troca de experiências entre as federadas que desenvolvem ações comunitárias. Marcelo Pedra Martins Machado, Consultor Técnico do Departamento de Atenção Básica/ Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde, destacou a consonância do evento com o objetivo de promover a qualificação de profissionais envolvidos em programas de atenção à saúde mental.

Os relatos mostraram a diversidade de ações comunitárias desenvolvidas pelas federadas. Frente a essa prática que vem acontecendo nas Sociedades Psicanalíticas, destacou-se a necessidade de se encontrar, dentro de cada instituição, um espaço que a faça existir não como algo feito por "alguém" e sim, como projeto institucional.

Em Porto Alegre, psicanalistas da SPPA vêm trabalhando no ensino público desde 2006, com programação anual em andamento. Além disso, outro grupo desenvolve um trabalho desde 2013, com adolescentes e seus familiares em situação de vulnerabilidade social.

Os psicanalistas cariocas da SBPRJ apresentaram uma longa experiência de intervenções em comunidades de favelas. Em Brasília, na SPB, na Clínica Social, que oferece atendimento psicanalítico com custo mais acessível à população, criou-se um programa de informática que confere agilidade ao fluxograma de encaminhamento de pacientes. Na SBPSP, o foco de ação concentra-se no trabalho através da Clínica Social, oferecendo tratamento de custo diferenciado.

Em Pelotas (RS), a SPPel realiza atividades variadas: desde os Diálogos com juízes e outros membros do poder judiciário (que já dura 12 anos), passando pelo Banco de Horas para atendimento em Vara de Família, até uma intervenção em um Seminário Católico. Em Porto Alegre, a SBPdePA, apresentou o projeto de discussões clínicas de



casos atendidos pelas equipes dos Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS) ligados aos municípios. E também atividade social da Clínica de Atendimento com baixo custo.

Os Grupos de Estudos de Campinas (GEPCampinas) e de Minas Gerais (GEPMG), em função de seu momento institucional, ainda estão estruturando formas de trabalho social.

Ao final do Encontro, face às sugestões de que a FEBRAPSI representasse, em âmbito nacional, a entidade jurídica intermediadora entre os órgãos governamentais e as Sociedades Psicanalíticas interessadas no trabalho de Responsabilidade Social, criou-se uma Comissão de Trabalho, contando com um representante de cada sociedade presente no encontro. Para coordenador da Comissão foi convidado Bruno Salésio da Silva Francisco (SPPel).

A primeira reunião da Comissão foi realizada no 30º Congresso FEPAL, em setembro de 2014, em Buenos Aires. Com a presença do Presidente da FEBRAPSI e outros doze psicanalistas, foi destacada a necessidade de se conhecer os acessos governamentais que permitam o exercício em tarefas sociais, como forma de inclusão do conhecimento psicanalítico em ações extra muros. Debateu-se a possibilidade de captação de recursos públicos, como forma de incluir o governo em tais responsabilidades.

O grupo tem buscado trabalhar em rede, em que as sociedades psicanalíticas possam ocupar o lugar de reflexões e incertezas, em prol de um movimento de participação e debate de todos os membros das instituições. "Temos em mente, que expandir novos campos, novas relações, conhecimentos, novos olhares e dialogando com outros saberes, nos colocamos inseridos na complexidade da evolução da sociedade humana, da psicanálise, e assim, caminhamos em busca de construirmos novas relações que sustentem e fortaleçam nossa identidade" afirma Bruno, o coordenador da Comissão que conta com o trabalho de mais quinze psicanalistas das federadas SBPRJ, SPRJ, APERJ-4, SBPSP, SPB, SPPA, SBdePA, GEPMG e GEPCampinas.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

O narcisismo, exposto por Freud em sua metapsicologia Introdução ao Narcisismo (1914), quando ainda era um conceito em formação, constitui uma teorização que transforma a compreensão sobre as teorias das pulsões, a natureza do Eu, a origem das instâncias e outras ideias; joga um feixe de luz sobre o processo defensivo, abre as portas para compreensão da agressividade e das psicoses e trilha o caminho para o segundo dualismo pulsional e a segunda tópica. Comemorando cem anos da publicação desse ensaio pioneiro, o nº 3, de 2014, da Revista Brasileira de Psicanálise dedica-se a alguns dos valiosos desdobramentos deste conceito em nosso campo.

Bernardo Tanis, editor da Revista, lembra

que "autores brasileiros e convidados estrangeiros revisam a teoria freudiana sobre o assunto, passando pela contribuição de André Green, que permite a compreensão do narcisismo destrutivo à luz da segunda teoria pulsional. Comparecem também textos em torno do tema em Kohut e no pensamento de Lacan que, desde seus primeiros trabalhos sobre o estádio do espelho e a agressividade, o vincula à natureza paranoica do Eu". Segundo Tanis, "o mito com elemento interpretante e esclarecedor na clínica psicanalítica é apresentado de modo instigante pela leitura do Bion".

A perversão narcisista e o trauma narcísico-identitário e sua transferência são abordados por convidados estrangeiros, assim como a

perspectiva do narcisismo para a reflexão sobre a ética psicanalítica. O desafio está em conceber a existência do outro e da alheidade a partir de um Eu que, nos seus inícios, supõe-se autossuficiente.

Na entrevista e na seção interface, penetra-se num território não muito estudado pelos psicanalistas: a moda. "A pertinência da moda à cultura e aos sistemas de identificação, bem como sua dimensão semiótica e sociológica - estudada por pensadores como Barthes, Bourdieu e Agamben, assim como no trabalho de Gilda de Mello Souza - inspirou nossa equipe a perceber o potencial de interface destes estudos com a temática do narcisismo", destaca Tanis.



CASAL CHERVET NO BRASIL

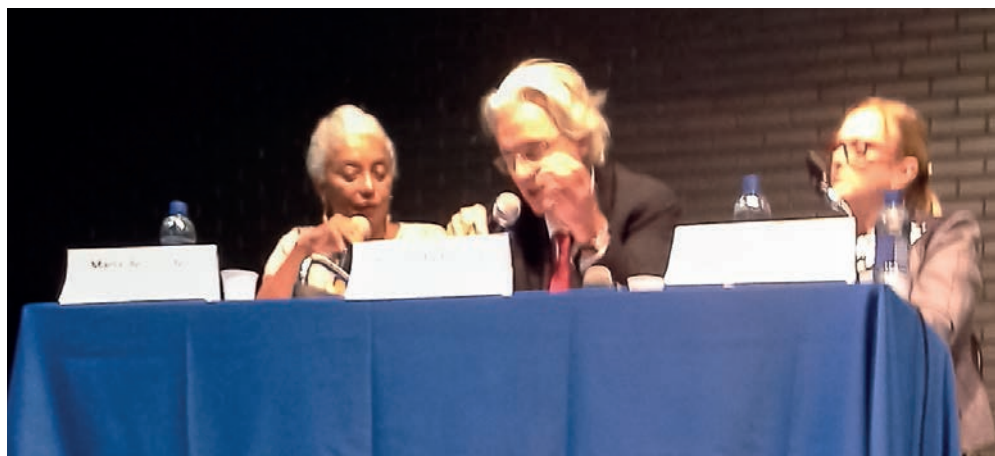
Brasília, Rio de Janeiro e Porto Alegre receberam Bernard e Emmanuelle Chervet

Bernard Chervet, presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris, esteve em Brasília entre os dias 25 e 30 de julho, acompanhado de sua esposa Emmanuelle Chervet, também psicanalista. Ali começava uma turnê que teve ainda Rio de Janeiro e Porto Alegre, nesta que é a primeira visita ao Brasil. Professor, Bernard Chervet escreveu livros e inúmeros artigos publicados na Revista Francesa de Psicanálise, com destaque para os temas: André Green, a ética do psicanalista e o après-coup. Seu trabalho sobre o après-coup foi um dos rapports oficiais do Congresso de Países de Língua Francesa de 2009. Ele é membro do Conselho Editorial de Tendências e Debates de Psicanálise e da Comissão da Biblioteca Sigmund Freud, em Paris.

A diretora científica da Sociedade Psicanalítica de Brasília (SPB), Mirian Elisabeth de Gregorio, destaca que "foram encontros muito proveitosos do ponto de vista científico e afetivo. Aproveito a oportunidade para sugerir aos colegas, diretores científicos, que utilizem os programas oferecidos pela IPA, FEPAL e FEBRAPSI".

Foram realizadas várias atividades: uma palestra aberta ao público externo "O après-coup e as formações do inconsciente"; uma palestra interna: "Interpretação, corte e decapção: Nota sobre a estratégia da interpretação"; um seminário clínico para os analistas e candidatos e duas supervisões em grupo.

Em 31 de julho foi a vez dos cariocas receberem a visita do casal na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. "O après-coup e as formações do inconsciente" foi o tema do trabalho apresentado por Chervet, que falou deste processo a partir daquilo que faz da prática cotidiana, ou seja, a realidade das sessões de análise, a associação



de palavra: esta atividade psíquica regressiva específica da situação analítica, familiar à escuta cotidiana, regrediente e interpretativa, que exige igualmente uma atenção com suspensão de julgamento.

Para a Secretária da SBPRJ, Maria Lúcia de Carvalho "foi uma oportunidade para refletirmos e dialogarmos sobre Nachträglich e après-coup e suas diferenças conceituais e semânticas. Através de vinhetas clínicas acompanhamos seu pensamento psicanalítico".

No dia seguinte ocorreu a supervisão da psicanalista Emmanuelle Chervet, baseada no seu texto "O sexual infantil na análise" e sobre um material clínico apresentado por uma aluna do Instituto, que suscitou uma animada discussão.

De 5 a 7 de agosto o casal Chervet visitou a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Durante três dias proferiram conferências, supervisões clínicas e oportunizaram momentos para uma conversa informal com os candidatos, com a equipe da Revista e com a equipe de Ensino da SPPA. Priorizando o tema das Pulsões, Chervet introduziu a discussão no dia 6 sobre sua conferência "O Après-coup" e no dia 7, se fez um debate sobre seu texto "Pulsão: você tem uma Vida?" Para ele, o conceito de pulsão na obra de Freud, nos três tempos de sua teorização, produziu muitas

resistências. Primeiro, em nome dos valores éticos e morais, depois em nome de um risco de pansexualismo e, por fim, em nome de uma pretensa especulação filosófica.

A Dr^a Emmanuelle proferiu a conferência "Reorganização do Superego na Adolescência", sobre o trabalho de atendimento em saúde mental, de pré-adolescentes, valorizando a técnica de utilização de consultas terapêuticas espaçadas, incluindo os pais.

Além da apresentação de trabalhos teóricos, que propiciaram um debate intenso e fecundo, também foi possível conhecer de forma clara como cada um trabalha a clínica, quando foram discutidos alguns casos apresentados por membros da SPPA.

No encontro com os candidatos conversaram sobre a formação psicanalítica na França e na SPPA. Peculiaridades de diferentes institutos franceses e modelos diversos foram debatidos. A psicanalista, Luisa Rizzo, membro da diretoria científica da SPPA, resume o que foi a característica da passagem do casal Chervet pelo Brasil: "além da simpatia e disposição deles, inclusive nos encontros festivos ou sociais, a marca da visita foi a troca afetiva, descontraindo e muito produtiva, deixando a todos nós, especialmente aos integrantes da comissão científica, uma satisfação grande pelo sucesso desta atividade".

GRUPO DE ESTUDOS REALIZA JORNADA MINEIRA

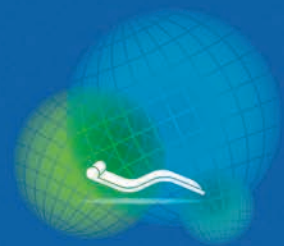
Nos dias 24 e 25 de outubro foi realizada a Jornada anual do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais, que teve como tema os Cem anos de "Introdução ao Narcisismo". A conferência de abertura proferida pelo presidente da FEBRAPSI, psicanalista Aloysio Augusto D'Abreu, apresentou "O Narcisismo em Heinz Kohut". No segundo dia, as três mesas abordaram temas relacionando o narcisismo à subje-

tividade, ao sentimento de existência e às estruturas narcísicas, entre outras abordagens. Para a diretora científica do GEPMG, Marília Macedo Botinha, "os trabalhos apresentados promoveram uma intensa troca científica e instigaram o pensar psicanalítico". Ela destaca ainda que "foi um momento de enriquecimento científico e troca social, sendo finalizado com jantar de confraternização, com grande adesão dos participantes".



Um Mundo em Mutação:

A FORMA E O USO DAS FERRAMENTAS PSICANALÍTICAS HOJE



O Congresso da IPA 2015 está agendado para 22 a 25 de julho, em Boston, EUA no Boston Seaport. Trata-se de mais uma oportunidade extraordinária de compartilhamento de novas descobertas psicanalíticas e para encontrar psicanalistas de todas as latitudes. O espaço permite alargar o olhar científico, clínico e institucional.

Com mais de 650 propostas recebidas, a expectativa é abarcar de forma ampla e profunda o tema-chave do Congresso, que são os desenvolvimentos contemporâneos da Técnica Psicanalítica. "O tema abrange não só as mudanças teóricas, mas também a busca de compreender como os extraordinários câmbios no século XXI nos impactam, bem como as nossas respostas a isso", explica o psicanalista Sérgio Nick, coordenador da organização do Congresso. "A forma como a Psicanálise pensa essas novas realidades (quebras e desconti-

nuidades na família, a hipervalorização do individual, as urgências que afetam o espaço para o pensamento, o constrangimento, a intimidade etc), a crescente comunicação via mídias sociais, o avanço tecnológico e as crises econômicas, levando ao que alguns chamam de crise do humanismo que tanto marca a nossa prática são alguns dos temas a serem tratados neste encontro", completa.

A ideia é aproveitar a riqueza científica da cidade de Boston e de suas universidades para incrementar o diálogo com as diversas interfaces da academia e da cultura. "Planejamos explorar em profundidade as ferramentas psicanalíticas que utilizamos hoje na nossa prática analítica", esclarece Nick. Os inscritos terão a oportunidade de entrar num dos Boston Groups – grupos de discussão inter-regionais que se encontrarão antes e durante o Congresso para discutir temas diversos de prática psicanalítica.

SÃO PAULO | SP | BRASIL

28/10/2015

XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE 2015

A FEBRAPSI está em pleno trabalho de organização do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise a ser realizado entre 28 e 31 de outubro, no Centro de convenções do Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo.

Nesta edição, trazemos o depoimento do Dr. Daniel Delouya, Diretor Científico da FEBRAPSI, comentando sobre a repercussão, entre os membros, do tema escolhido para o evento. Segundo ele, o tema "pegou", sobretudo no retorno de Buenos Aires, do Congresso da FEPAL. As federadas criaram grupos de estudo e foram agendadas jornadas acerca do tema para os próximos meses até o início do congresso, além de muitos membros se mobilizarem procurando por pares, dentro e fora das próprias Sociedades e GEPS, para compor mesas de discussão para o Congresso.

"Como no processo analítico, um tema pode surgir como clarão de um sonho para logo sofrer os efeitos dos recalques, que o faz submergir em neblina, colocando em dúvida a cena do sonho, seus atores e sua mobília. "Sonho/ato: a representação e seus limites", tema do próximo Congresso Brasileiro da FEBRAPSI, gerou uma benéfica inquietação, mobilizando psicanalis-

tas a procurar esclarecimentos. "Sonho, ato, representação, limites, conceitos centrais da psicanálise contidos no título, ficaram embalhados, cada qual parecia conter, anelar-se ou se demarcar do outro para logo demandar a suspensão necessária à livre associação, à imaginação e ao trabalho do pensar.

A metapsicologia é o acervo e repertório dos insights da clínica, esses golpes ou espantos da percepção – après-coup, na bela e irredutível tradução da *nachträglichkeit* – constituem o saber psicanalítico. A representação é o conceito chave em relação ao qual se articula o pensamento freudiano, e que compõe as molas correspondentes das descendentes obras: o simbólico/ significante em Lacan, a fantasia em Klein, o pensar em Bion ou o crescimento em Winnicott. Mas é certamente o ato que constitui a origem da cena da representação e sua trama afetiva. "No início era o ato" são palavras finais de Totém e tabu, entretanto, consequência de uma história, aos sabores da fantasia kleiniana, que desemboca no luto, na representação e no projeto humano. Na clínica e na vida, uma coisa é o agir que resiste àquilo que visa à análise desde seus começos – deite, feche os olhos, o Sr.(a) vai ver ou vai lembrar de



algo...dizia Freud -, o que impede o acesso à consciência, à percepção e à palavra, por isso age o que teme ver e lembrar; outra coisa, é a atuação, onde a montagem da representação junto ao outro, como memória e percepção, falharam em se gerar adequadamente a partir das moções pulsionais e por isso prestes a reivindicar desesperadamente uma história, uma construção. Tal denúncia da fragilidade das representações e da constituição do sonho frente às demandas da cultura, desafia o trabalho analítico e o lugar da psicanálise em nossos dias".

Maiores informações:
www.febrapsi.org.br





A mitologia À LUZ DA PSICANÁLISE



Mário Alberto Smulever

ANALISTA DIDATA
DA SPR E DA APA

Grandes questões humanas são expressas através de mitos que ultrapassam os limites temporais e históricos. Os principais enredos mitológicos destacam-se na Psicanálise, desde sua origem.

Sobre esse tema, o FEBRAPSÍ Notícias entrevista Mário Alberto Smulever, Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Recife e da Asociación Psicoanalítica Argentina.

- **FEBRAPSÍ: Freud evidencia apreço por vários mitos universais. Como o senhor compreende a importância da mitologia na obra dele?**

SMULEVER: Para Freud, "os mitos são os sonhos ocultos da humanidade, assim como os sonhos são os mitos privados daquele que dorme". Em ambos encontramos um conteúdo manifesto, o relato mítico, e um conteúdo latente, as fantasias e situações traumáticas que, junto com os anseios correspondentes, podemos interpretar psicanaliticamente. O conteúdo latente pertence ao Inconsciente Originário, prévio ao recalque. Quanto ao conteúdo manifesto: Mythos, em grego, "palavra", no sentido de um enunciado decisivo, difere de Logos, "razão", palavra cuja validade ou verdade pode ser argumentada e demonstrada. O mito não é necessariamente contrário à razão, mas – ao tentar explicar fatos extraordinários sem justificá-los – costuma-se tomá-lo como fábula. Podemos considerar o mito como uma concepção de mundo, uma interpretação primária, não crítica, da vida e da natureza. O ser da existência mítica é uma dimensão estrutural constante da humanidade, não só como sobrevivência de etapas superadas, mas como estrutura fundante do homem.

- **FN - Como podemos definir o mito nesse sentido, a partir de seus diferenciais e de suas interações?**

SMULEVER: Por manejar com elementos do símbolo, da imagem e da emoção o mito é um conhecimento que difere da ciência e da filosofia; porém, da mesma forma que ambas, determina uma cosmovisão, um repertório de respostas às "questões últimas" da vida: o sentido da existência, a origem, as funções e o destino humano. O mito, produto da imaginação, atua de modo intuitivo e sintético na consciência humana, antes que se subdivida em faculdades (intelectivas, afetivas, volitivas). A imaginação se dá em toda sua espontânea e incontrolada plenitude na infância; é neces-

sário estudá-la em suas etapas iniciais para facilitar sua compreensão na imaginação mítica e artística em geral, muito mais complexa. Mas, uma coisa é viver o mito, transitar o sagrado, inconsciente e inefável. Outra é discorrer e especular sobre sua estrutura. A consciência mítica revela-se em fatos, entes e ações. No ser da existência mítica, pensamento e conduta se dão em um só ato: pensa-se atuando. Ao surgir a consciência racional, dá-se outra forma de pensar e atuar. A consciência mítica traça uma história fechada, repetitiva, e toda ação refere-se a um modelo exemplar.

- **FN - Por que a necessidade do homem de edificar mitos, de construir uma visão do mundo de um modo total e unificador?**

SMULEVER: Devido ao domínio muito limitado do ser humano sobre a natureza, esta se apresenta ao homem como "força superior". A orfandade e pequenez ante o universo desconhecido e incontrolável levam-no a criar representações que atribuem aos deuses o conhecimento e controle do universo. A psicanálise investigou as motivações básicas para a edificação do pensamento mítico inconsciente, o conteúdo latente, e as encontrou no desamparo e dependência da criança, na inadequação de seu pensamento e de seus atos para operar racional e eficientemente sobre a realidade. A psicanálise tem dado relevância ao fato de que, para aceder à cultura, os seres humanos têm de atravessar os Complexos de Édipo, de Narciso (o narcisismo) e outros. Estes Complexos são representações limitadas dos mitos desses personagens. O mito é mais completo e complexo que o próprio Complexo.

- **FN - Na velocidade com que símbolos são criados e, logo, descartados, como o senhor descreve a importância dos mitos na clínica psicanalítica?**

SMULEVER: Os conteúdos da cultura no mundo líquido são rapidamente mudados, os ideais banais descartados junto com os objetos, mas os conteúdos latentes seguem os mesmos de nossos ancestrais. O acesso à formação mítica exige o retrocesso à fonte última, à faculdade individual de imaginar e fantasiar. Este esforço atualiza as vivências primitivas de inveja, ciúme, rivalidade nas primeiras relações com pais e irmãos. O mito individual (construído com elementos básicos dos processos primários na interação com o ambiente imediato) contém as fantasias inconscientes fundamentais de um sujeito particular. As diversas experiências do mito pessoal, recalçadas primária e secundariamente, cristalizam-se em configurações que resistem a questionamentos,

tornando-se ideologias pessoais. São sagradas para o indivíduo, criam uma cosmovisão e determinam os comportamentos próprios a ele. Constituem uma estruturação específica, resultante da elaboração primária dos traumas e conflitos psicológicos. Representam o conteúdo latente da trama relacional profunda e estereotipada da pessoa; aquilo que é próprio daquele indivíduo, base de seu ser distinto dos demais. Refletem uma estrutura arcaica que a interpretação psicanalítica pode arrancar de seu contexto inconsciente e inefável. O mito privado apresenta conexões intrínsecas com os mitos familiares e mantém nexos, mais ou menos congruentes, com os mitos da comunidade. Os personagens do mito estão representados pelas imagos parentais e fraternas, mas, especialmente pelas imagos do próprio indivíduo, e dramatizam diversas cenas da constelação mítica. Esta constelação mítica originária, determinante da psicopatologia, ganha sentidos e significados manifestos durante o processo psicanalítico. Sua elaboração e desmantelamento permitem novas construções míticas que estejam a favor do sujeito. A atividade mitopoietica é uma função primária dos processos mentais do sujeito humano. As fantasias inconscientes são expressões psíquicas originais mobilizadas em resposta às necessidades instintivas e aos estímulos do mundo exterior ao sujeito. O mito individual nasce e se desenvolve numa situação psicológica que implica reciprocidade; forma-se numa estrutura pré-existente constituída pelo grupo familiar. Ainda que abordada em um enfoque individual, a estrutura mítica é coletiva, relacional e intercomunicante. O relacional se refere, no caso, a um vínculo vital com o humano, a natureza e o divino. As identificações, base da identidade mítica do sujeito, realizam-se sob internalizações de situações ou de personagens em ação. Isto se produz à mercê dos movimentos ativos do Eu receptor, efector, criador e organizador do psiquismo. Descobrir, interpretar e integrar o mito subjacente na cultura, na família e no indivíduo permite superar a cisão da condição humana. A psicanálise descobriu a condição limitada do sujeito que, em nome da razão, renega seu ser mítico. O mito expressa uma realidade fundante da qual habitualmente não se fala, uma realidade de desejos interditos, a trama latente de situações vitais, quase todas traumáticas, que determinam a estrutura secreta ou oculta do indivíduo, da família e da cultura.

Tirésias entre APOLO E DIONISO



O mito conforme Green é um objeto transicional coletivo. Outros autores como Adorno e Horkheimer colocam o mito como passagem no percurso do saber e, portanto, da ciência. A psicanálise, além disso, dirá que a mitologia situa o desenvolvimento humano no confronto entre Narciso e Édipo. O cego Tirésias, sacerdote de Apolo, é o intermediário entre o saber divino e o conhecimento humano. Tirésias fala a verdade através de enigmas e parábolas, pois possui a terrível memória do futuro. O entrecruzamento mitológico situa o sacerdote de Apolo como figura nuclear, entre a beleza do saber apolíneo e a fragmentação e dispersão que caracterizam Dioniso.

Desse modo, Apolo e Dioniso exprimem, de um lado, o pressuposto para o conhecimento humano e a arte, enquanto, do outro é a fragmentação e o caos. O único tradutor dentro do próprio sistema mítico é necessariamente cego na senso-percepção.

A cegueira deveu-se à curiosidade tiresiana de espiar o coito de serpentes sagradas no monte Citerão, matando a fêmea e vivendo sete anos como mulher, posteriormente voltando ao mesmo local, matando o macho e retornando à condição de homem. Portanto, Tirésias além de tradutor mítico é a própria expressão vivida do inconsciente. O inconsciente masculino e feminino, hetero e homossexual, diabólico e simbólico, organizado e belo no ego maduro, desorganizado e demoníaco no id, destruidor e bloqueador da verdade e produtor da desordem e da confusão, será retraduzido pelo gênio de Freud como complexo, utilizando o mito de Édipo.

Ampliando essa compreensão com Klein e Bion, pode-se dizer que Apolo situa-se do lado da posição depressiva, enquanto Dioniso exprime a linguagem psicótica, a desesperança e o medo, no vértice esquizoparanoide.

Freud talvez dissesse que o primeiro psicanalista não foi ele, mas Tirésias, pois recomendou aos praticantes da psicanálise que se cegassem para alcançar o inconsciente.

A mitologia tanto apresenta aquilo que será descarregado no corpo e no ato em Dioniso ou na loucura de Orestes, quanto o que deve sofrer a iluminação do sol enquanto metáfora da grandeza apolínea. As transformações que deverão ocorrer ao longo do processo analítico podem ser lidas, caso tomemos o sistema mitológico como um contínuo de complexos que se manifestam em crenças coletivas e individuais. O mítico que está contido nas crenças e religiões é passagem necessária para que as transformações ocorram na permanente modificação que os elementos mentais em contato com o corpo e a experiên-

cia do pensamento verbal, constituem como realidade da linguagem e da cultura.

A fênix, a ave mitológica da transformação que renasce das próprias cinzas a cada quinhentos anos, está no centro dessa dialeticidade Apolo-Dioniso, que para a psicanálise passa obrigatoriamente por Orestes louco, castigado por Apolo, por ter morto a mãe Clitemnestra e o amante Egisto para vingar o pai herói da guerra de Troia, Agamenon.

Se o *mythos* fala como pretendem Adorno e Horkheimer de um saber pré-científico, é possível dizer também que fala de um saber inconsciente, que não se sabe enquanto não for submetido ao teste da verdade. Essa será possivelmente a função do psicanalista na relação com Proteu, que exprime a verdade através das suas múltiplas transformações. Como disse o saudoso Fabio Hermann "é preciso agarrá-la a cada momento em que aparece durante o processo analítico num instante precioso".

A loucura de Orestes é o resultado do ataque das vampírescas Erinias, enviadas por Apolo, mas o filho assassino da mãe adúltera será redimido por um voto divino de Atena-Minerva. As Erinias como as Górgonas estão do lado feminino da maldade (núcleo materno na dialética bondade-maldade), enquanto do lado masculino, a maldade de Dioniso será muito mais consequência da irreflexão do que de verdadeira disposição para o mal.

O deus homossexual da fragmentação aponta para a perversão praticada em grupo com mulheres e homens que o acompanham, executando atos transgressivos de natureza sexual e violência corporal que são equivalentes à crueldade narrada pelo marquês de Sade.

A crueldade que resulta da incapacidade de pensar e aquela originária da pulsão de morte, não poderia ser contida, senão à custa da renúncia e da castração, que o deus supremo do Olimpo impõe aos homens, mas também aos outros deuses e deusas.

Tal renúncia protagonizada por Prometeu harmoniza o Olimpo com a humanidade no fogo simbólico do sexo, da indústria e da fala. A civilização prometéica que nasce da dialeticidade entre afronta e renúncia, não acontecerá senão depois que Epimeteu, irmão e duplo de Prometeu, for iludido e castigado por Zeus, através da lindíssima Pandora. A boneca vivificada que traz para os homens todos os presentes e todos os males, mas igualmente a esperança, exprime o mistério do feminino no sistema mitológico.

O simbolismo da sexualidade e da agressividade, destrutividade e sadismo estão sempre presentes na trilha do mito que acompanha a sociocultura e a vida política



Valton de Miranda Leitão*

do homem. Construção e destruição, guerra e paz, loucura e sanidade, mentira e verdade, mostram o devir histórico da humanidade, tanto no interior do seu psiquismo particular, quanto na extensão à sua consciência coletiva.

Antes que Odisseu possa superar as armadilhas da própria linguagem e da ilusão das sereias na sua travessia heroica rumo ao seu reino em Ítaca, precisa ser resiliente para suportar enormes sofrimentos e alcançar o encontro majestoso com sua amada Penélope. Antes disso, as mulheres de Troia com Hecuba à frente já tinham sofrido pesados castigos e Cassandra que recusou o amor de Apolo, foi castigada duplamente na contradição entre a perda da fala na gagueira insuperável e a visão premonitória do futuro.

É possível perceber na narrativa mitológica que a triangulação edípica se encontra em vários outros mitos e Freud poderia ter escolhido Orestes ao invés de Édipo, mas certamente, o trágico sofoclano de Édipo-Rei se aproxima mais adequadamente da condição humana no incesto e parricídio.

Ao amor incestuoso de Apolo por Cassandra, soma-se a punição pela transgressão edípica a Orestes, que o destino lhe atribui inexoravelmente. O rompimento com as cadeias desse destino que os deuses impõem, somente Tirésias e Freud saberão como superar, resolvendo o enigma da esfinge do inconsciente.

O caminho da triangulação edípica é barado por Narciso, sendo Tirésias novamente, aquele que mostrará como o percurso do conhecimento é tortuoso, podendo ser mortífero. O sadismo na curiosidade de saber joga o ser do homem no fascínio do espelho detrás do qual imagina alcançar tudo e encontra o nada.

Mythos e *logos* correspondem a uma dialética que Apolo e Dioniso prefiguram na mitologia, mas pode ser encontrada na relação histórica entre Moises e Aarão. O primeiro faz contato com o saber divino e a lei que deve ser transmitida aos homens através da fala do segundo. Os irmãos são pares complementares, reunindo o ato e o verbo.

* Formado pelo Centro Psiquiátrico Melanie Klein (CPMK), Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife e didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza.



Congresso da FEPAL REUNIU VÁRIOS EVENTOS

Um diálogo interdisciplinar trabalhou o tema “Realidades e Ficções” em Buenos Aires, de 3 a 6 de setembro de 2014, no 30º Congresso Latino-Americano de Psicanálise da FEPAL, sob a presidência de Abel Fainstein, da secretaria geral de Jeanette Dryzun e direção científica de Sérgio Lewkowicz. Uniram-se vários eventos: a Jornada de Arte e Psicanálise em 1º de setembro; as jornadas de Pesquisa, de Cinema, da Infância e Adolescência e das Universidades; os Working Parties e o 1º Diálogo Latino-Americano entre Psicanalistas e Psiquiatras (organizado com a IPA, Associação de Psiquiatras Argentinos - APSA e da América Latina - APAL); os Pré-Congressos Didáticos e da OCAL, a Jornada da COWAP e ainda a Jornada de Educação e Subjetividade.

Para dar conta da circulação dos mais de 2.600 inscritos e das numerosas atividades organizadas em semiplenárias, oficinas, mesas

redondas, grupos de discussão, exercícios clínicos, posters, temas livres e apresentações de livros organizaram-se espaços além daqueles da sede no Sheraton Retiro, envolvendo as sedes da APA, ApdeBA, SAP e



Mesa diretora da FEPAL

Faculdade de Psicologia e Psicopedagogia da Universidad Del Salvador, além de dois hospitais de Buenos Aires.

Relatórios pré-publicados elaborados por psicanalistas convidados, como Jay Greenberg, Rafael Paz, Antonino Ferro, Raul Hartke e Elias Rocha Barros, entre outros..., com muita antecedência foram disponibilizados no site da FEPAL, permitindo a realização de encontros preparatórios nas Sociedades filiadas, estimulando a participação no evento. A Revista Calibán publicou em dois volumes os principais trabalhos do Congresso, possibilitando um registro impresso.

Uma conferência de Mempo Giardinelli e a música da orquestra El Arranque, assim como uma homenagem aos mestres Madeleine Baranger, Horácio Etchegoyen e Janine Puget marcaram a abertura do evento. O próximo encontro será em Cartagena, em 2016.

DIRETORIA E CANDIDATOS DA ABC PARTICIPARAM DE CONGRESSO EM BUENOS AIRES

Dos 780 brasileiros participantes do Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), muitos eram candidatos. A diretoria da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) incentivou os analistas em formação brasileiros e membros filiados de institutos do Brasil a participarem no dia 03 de setembro do Pré-Congresso da Organização dos Candidatos da América Latina (OCAL), sobre “Diversidade, Integração e (Des) Envolvimento: Psicanalisar na América Latina”.

A presidente da ABC, Miriam Altman ressaltou que “o espaço que OCAL abriu para a Associação favoreceu uma integração entre

os candidatos brasileiros e latino-americanos gerando discussões e trocas muito significativas”. Para a discussão a ABC convidou três representantes de diferentes institutos brasileiros com o intuito de mostrar as peculiaridades e formas de funcionamento nas formações de cada um. Também no Pré-Congresso da OCAL a ABC apresentou seus objetivos e propostas. A Associação Brasileira foi valorizada como uma das poucas entidades na América Latina que reúne tantos profissionais de institutos diferentes. Estavam nesta oficina candidatos do México e da própria Argentina do Instituto da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA).

No segundo dia a diretoria da ABC participou de um almoço a convite da Psychoanalytical Studies Organization (IPSO) com a sua presidente Deby (USA), a vice-presidente para a América Latina Aura Lorenzo (México), a vice-presidente eleita Isabel Silveira (Brasil), e representantes da América Latina. “O programa do Congresso foi bastante intenso, estimulante e enriquecedor, porém se ouviu de muitos participantes queixas sobre a falta de momentos de convivência, tanto em relação aos horários quanto ao espaço físico disponível nas dependências do evento”, relata a vice-presidente da ABC, Janice I.R. Bicudo de Faria.

CALIBÁN NA FEBRAPS

A Calibán, revista da Fepal agora nos números Realidades & Ficções I e II, busca difundir a psicanálise da América Latina em uma linguagem marcada pela relação com a cultura que a cerca e da qual é parte integrante e formadora. Assim, as apresentações da Calibán privilegiam o diálogo entre psicanalistas e estudiosos de diversas áreas da cultura propondo uma psicanálise atuante na comunidade.

Em São Paulo a SBPSP promoveu o evento Temporalidades, no MASP, Museu de Arte de São Paulo, com escritores, filósofos e músicos dialogando com psicanalistas. Realidades e Ficções I e II foram lançadas em palestra com audição musical realizada pelo filósofo e músico Vladimir Safatle. A equipe editorial realizou também um encontro na Livraria da Vila, com Yudith Rosembaum, escritora, literata e autora da Calibán.

No Rio de Janeiro, a SBPRJ, para o lançamento da Revista, realizou de 27 a 29 de novembro, em parceria com o Museu de Arte

do Rio – MAR, a segunda edição de Calibán no Rio III! no Simpósio Realidades e Ficções, debatendo temas contemporâneos que tocam a nossa humanidade, com o curador do Museu do Amanhã, Luiz Alberto Oliveira, o diretor cultural do MAR, Paulo Herkenhoff e com o editor da Calibán, Mariano Horenstein.

Em Porto Alegre, a SBPdePA, a SPPA e a SPPel promoveram o lançamento da Calibán: “Excesso”, no Santander Cultural, debatendo “Expressões do Mal Estar Contemporâneo” e “Excesso: Corpo, Subjetividade e Palavra” com o editor da Calibán, Mariano Horenstein, o pedagogo Paulo Fochi, e os psicanalistas Celso Gutfreind (SBPdePA), Katia Wagner Radke (SPPA) e Luiz Marcirio Machado (SPPel).



Psicanálise de crianças e adolescentes:

OS MITOS RE-VISITADOS

Desejo revisitar o mito edípico, pois como sonho da humanidade, é polissêmico e inspirou o fundador da nossa ciência-arte a elaborar o

Complexo de Édipo e a Faimberg (1973/1995) a conceitualizar a **configuração edípica** e sua **dimensão narcisista**. Ela aborda além dos desejos inconscientes do filho em relação aos pais - o complexo - a relação dos pais com o filho, no emaranhado de desejos, proibições, fantasias e a qualidade da relação. Uma passagem do vértice intrapsíquico no clássico Complexo, a uma abordagem intersubjetiva na configuração edípica, fator de peso que provoca um sofrimento narcísico identitário, uma permanente agonia psíquica (Rousillon, 2014).

A **configuração edípica** amplia a escuta analítica e a compreensão da tragédia. Laio e Yocasta, pais biológicos, Pólibo e Mérope, pais adotantes, falham no exercício das funções parentais. Laio - órfão de pai - não escuta a maldição que proíbe sua transcendência, pela grave falta cometida na sua adolescência, ao raptar e ter relações com Crisipo, filho da família que o albergou. Ele acaba sendo o pai filicida de um filho parricida e incestuoso. Yocasta não respeita a diferença geracional. Estes pais não reconhecem o filho com os calcanhares perfurados por Laio, nem na encruzilhada do caminho, nem na cama nupcial no palácio de Tebas quando nasce e onde volta como o menino-rei grandioso a procura do ventre materno (Lisondo, 1992). A catástrofe psíquica guia sua vida.

Na lógica narcisista do mito, só há uma mulher possível para o filho: a mãe. Um só espaço psíquico. Não há abertura para viver a proibição da relação genital com a mãe e/ou familiares: o incesto; e abrir a esperança de um projeto exogâmico para que Édipo encontre outra mulher, além da encruzilhada, num espaço triangular (Britton, 2003).

Os pais adotantes recebem o bebê de um pastor, que o recebe de um servo de Laio, desobedecendo a ordem de abandoná-lo ou jogá-lo num desfiladeiro. Os reis de Corinto não podem revelar ao filho a verdade possível sobre a adoção. Será que não podem admitir a esterilidade? Os segredos e as mentiras (Lisondo, 2014) para ocultar verdades no vínculo de parentesco impedem a construção de uma relação filial simbólica entre Édipo e os pais adotantes?

Na adolescência, na crise de identidade, ele consulta o oráculo de Delfos, após ter escutado sobre a adoção. Mas, ao invés de investigar sobre sua origem, indaga sobre o futuro. Concorro com Hartke (2014) quando afirma que provavelmente Édipo não desejava saber sobre

uma verdade já intuída. Édipo abandona os pais para protegê-los das profecias.

Quando a dimensão narcisista toma relevo na configuração edípica, o filho fica aprisionado num claustro. Os pais rejeitam a alteridade, numa apropriação intrusiva. A prole identifica-se inconscientemente com os pais, com consequências alienantes. Assim o filho não pode construir a subjetividade como ser independente numa dependência madura que respeite a alteridade, a singularidade e diferença.

A cegueira de Édipo é seu castigo assim como o exílio, semelhante à expulsão do homem do paraíso, por ter comido o fruto proibido. Concorro com Fernanda Marinho (2014) quando afirma que a cultura hoje falha na função continente.

A configuração edípica contempla, no eixo vertical do célebre triângulo, a **diferença entre os sexos**. Tema escabroso quando a homossexualidade, com sua diversidade, entra em questão na contemporaneidade. A psicanálise precisa de fundamentos flexíveis na sua metapsicologia, tendo em conta que sua meta principal é a investigação do inconsciente e suas manifestações.

Ressaltar a diferença de sexos implícita na configuração edípica, mesmo tendo em conta o conceito de bissexualidade em Freud, não é uma afirmação preconceituosa, superegógica, moral ou religiosa. É um fato. Essa diferença está marcada no corpo. Ela é fonte de comparações, angústias, inveja, orgulho, ressentimento e recusa da realidade. Uma afronta a onipotência humana.

No eixo horizontal dessa configuração aparece a **diferença entre as gerações**. Yocasta e Laio não reconhecem o filho com o corpo marcado, nem desconfiam sobre a diferença de idades entre eles.

Percebemos as penosas consequências, quando os pais não podem ocupar esse lugar assimétrico de autoridade nas funções parentais. Por vezes crianças e adolescentes são "pais dos próprios pais". A configuração edípica cria um espaço triangular para a alfabetização emocional: o sonho e o pensamento. Espaço que permite a distância para criar um **EU** intérprete onde a criança observa a relação sexual e genital entre os pais e é observada.

Quando a tetradimensionalidade, conforme Meltzer, não é alcançada pela recusa à mortalidade, o envelhecimento e a passagem geracional são negadas.

É no confronto geracional da adolescência, que pais e filhos precisam enfrentar mudanças catastróficas sem catástrofes nos lutos a elaborar e invejas recíprocas. Esta configuração, alicerçada num casal suficientemente bom, com um legado intergeracional que permita o enrai-



Alicia Beatriz Dorado de Lisondo*

zamento da prole, na herança, na tradição, numa árvore genealógica (Tractenberg, et.al 2012), possibilita, entre os personagens, relações de alteridade. Quando falham as funções parentais, por questões inconscientes da personalidade dos pais, e/ou o relacionamento do casal é perturbado, esse espaço triangular é reduzido, deformado, achatado até ser linear em relações simétricas, comprometendo a vida psíquica do filho e dos pais. É a lei do pai que separa a necessária simbiose fusional mãe-bebê, criando a diferenciação, e a entrada do terceiro.

As Técnicas de Fertilização Assistida nos apresentam novos desafios. A mono parentalidade e a concepção em casais homossexuais exigem do profissional um compromisso ético que vai muito além da aplicação de uma técnica. A vida psíquica de um novo SER está em jogo, assim como a do(s) progenitor(es).

SOBRE O PARADOXO DA VERDADE POSSÍVEL

Há uma diferença entre a história como uma crônica de fatos não digeridos, eventos quase despojados de sentido (Failla, 2006; Levinzon, 2014) e a história como uma apropriação mental tetradimensional (Meltzer, 1979). A vivência da história como uma experiência **emocional** com a consciência da dimensão temporal entre o nascimento e a morte, permite a recordação ao invés das compulsões repetitivas, como estigma do destino. Édipo não pode conter, mentalizar a revelação do criado. O herói ouve as informações verdadeiras sobre sua vida como marteladas, mas não as pode metabolizar.

A verdade alimenta a mente quando ela pode ser resignificada, simbolizada, graças à **rêverie** das funções parentais que oferecem "enzimas digestivas" para que a revelação dosada possa ser assimilada. A capacidade de sonhar exorciza terrores demoníacos.

Quando os pais adotantes e/ou biológicos intuem com sabedoria e prudência o que, como e quando dizer, num diálogo poético e apaixonado, nascido da parte analítica da personalidade (Lisondo, 2009), a verdade possível revelada conclama o crescimento mental. A verdade sem amor é crueldade!

* Co-Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Adoção e as Funções Parentais na SBPSP Analista Didata da SBPSP e do GEPCampinas Psicanalista de Crianças e Adolescentes pela International Psychanalytic Association



APOLO E DIONISO

na contemporaneidade

A entrevistada dessa edição do FEBRAPSÍ Notícias é a jornalista Maria Cristina Franciscato. Ela é mestre, doutora e pós-doutoranda em Literatura Grega Antiga pela USP. A dedicação ao tema pode ser constatada nos livros *Estudos Sobre o Teatro Antigo* (Editora Alameda, 2010) e *A Representação dos Deuses e do Sagrado no Teatro Greco-Latino* (Humanitas, 2013), dos quais foi co-autora.

Pesquisadora de “Estudos sobre Teatro Antigo” (USP/ CNPQ), Maria Cristina é membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Atuando como professora, realiza viagens culturais à Grécia. Assim, com essa bagagem cultural, Maria Cristina coloca sua temática em diálogo com a psicanálise!

- **Febrapsi Notícias** - Em seu texto – “Apolo e Dioniso: forças antagônicas e complementares no mito e na psique” – Dioniso e Apolo representam diferentes habilidades e desejos, porém Dioniso teria como cerne a simbolização da desordem e da impulsividade, enquanto Apolo carrega a marca da ponderação e da ordem. Que relação poderíamos fazer destes dois deuses com a era contemporânea, em que nos deparamos com uma tendência ao imediatismo, à falta de limites ou de líderes que balizem nossa ação?

MARIA CRISTINA – Quanto à Dioniso, não acredito que a palavra desordem seja a melhor, porque na minha compreensão os nomes das divindades gregas, representam portfólios de características, de possibilidades. Então, para o nome Apolo temos um leque de possibilidades no mundo e na psique, e o mesmo para Dioniso. É claro que, nesta complementariedade, é possível olhar para Dioniso como desordem. Mas não é a palavra que mais gosto porque, na verdade, a força arquetípica representada por Dioniso é a força que nos leva a ampliar nossas fronteiras e limites a dialogar com o “outro” que nos habita. Dioniso é melhor visto como uma força que nos impele, que nos induz a ir além do conhecido, daquilo que já está estruturado.

O helenista francês Jean Pierre Vernan fala de Dioniso como a representação da alteridade, do outro, inclusive em nós mesmos. Psicicamente falando, nós temos um determinado conhecimento e até reconhecimento daquilo que somos. Dioniso é aquele “outro” que tam-

bém somos, mas que nem sempre acessamos, que quase nunca conhecemos profundamente ou, às vezes, desconhecemos por completo. Então, Dioniso representaria esta força de ampliação na psique, dos limites de nosso ego. Já Apolo, no mito grego fica muito claro como o Deus da ordem representada no cosmos, por exemplo, através do ritmo, da harmonia. Então, assim como as estações do ano se sucedem umas às outras, este ritmo que existe permeando a existência é algo de Apolo. Às vezes, quando conseguimos enxergar o belo em uma escultura, por exemplo, geralmente é porque ela guarda alguma proporção, alguma harmonia que identificamos com certo padrão de beleza. Quando algo apresenta ritmo, harmonia, ele é apolíneo. Assim, sempre que pensarmos em Apolo, pensamos em uma medida. Já por contraposição, quando se pensa em Dioniso, vem imediatamente a ideia de uma desmedida.

Nesse sentido, eles são complementares. Especificamente no mito grego, uma das prerrogativas de Apolo é que ele dá aos homens as suas leis. Ele espelha a necessidade de um limite para que nossas ações e pretensões estejam dentro daquilo que é próprio ao humano. É também do âmbito de Apolo cobrar respeito a estas leis. Apolo atua como intermediário entre Zeus, deus supremo do Olimpo, e os efêmeros mortais. De que forma? Através de sua função oracular, em que revela aos mortais os desígnios de Zeus, seu pai. Isso também é um canal de ordem. Como era muito próprio no mundo grego, quando se preparavam para fundar uma nova colônia, na Ásia menor, na Sicília ou no sul da Itália, por exemplo, iam antes ao Oráculo perguntar a Apolo se o local que estimavam era bom ou não. Ou seja, ele era visto como um norteador que dava parâmetros e cobrava respeito a estes parâmetros.

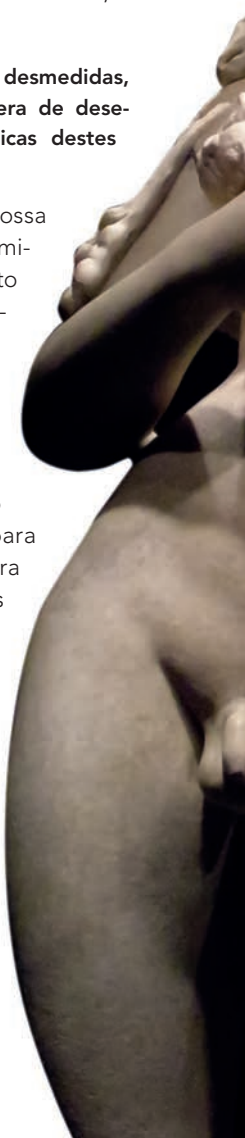
- **FN** – Interessante a visão dual que a senhora mostra sobre as divindades. De um modo geral, tendemos a defini-los individualmente por esta ou aquela característica específica: deus da guerra, deus do amor etc.

MARIA CRISTINA – Falando de deuses gregos, não é possível dizer que tal divindade é boa ou é ruim. Cada uma delas tem uma polaridade em si mesma, ou seja, tem um âmbito de poder, um leque de prerrogativas. E nesse âmbito de poder, ela poder ser benéfica ou

maléfica. E o que vai determinar se uma divindade será benfazeja ou maléfica, favorável ou desfavorável, é a forma de abordagem desta força divina, é a natureza da relação que se estabelece com ela. Então, mesmo Apolo – chefe das musas, Deus do belo, da música e das artes – se você ler o começo da *Ilíada*, vai se deparar com uma epifania assustadora do deus. Apolo surge com seu arco e flecha, no meio da noite e começa a dizimar todo o exército grego, por conta de uma falta, uma impiedade cometida pelo comandante do exército em relação a ele. Justamente o Deus que rege as medidas, se quiser, pode ser bastante desmedido. Desse paradoxo a gente nunca conseguirá fugir. Então, repetindo, dentro daquele âmbito de prerrogativas de uma divindade, ela pode se manifestar de forma positiva ou negativa conforme a interação com o mortal, com a situação em questão. Mas via de regra, Apolo é isso, é a ordem, a medida, o ritmo.

- **FN** - No mundo atual, repleto de desmedidas, estaríamos experimentando uma era de desequilíbrio entre as forças antagônicas destes dois deuses?

MARIA CRISTINA – O nosso olhar, a nossa competência mental é bastante limitada para compreender o momento histórico quando estamos inseridos nele. É mais fácil analisarmos, por exemplo, a Idade Média e a Antiguidade, devido a uma distância necessária para focar o olhar e enxergar com mais nitidez. Penso que estamos muito inseridos neste atual momento para compreendê-lo com clareza, e para entender para onde isso está nos levando. Por enquanto são hipóteses. Assim, acho muito difícil definir o que virá. Porém, neste momento, realmente parece faltar um pouco da energia apolínea organizadora, sobretudo de justa medida. Porque a Apolo estão associadas as ideias do nada em demasia, do conhece-te a ti mesmo... Essas máximas estavam escritas do templo de Apolo em Delfos. Todo aquele que consultava o





Maria Cristina Franciscato

É essencial para uma sociedade que a força apolínea atue estabelecendo determinados critérios e ordenações, por outro lado, é igualmente necessário que haja o impulso dionisíaco para questionar, rever e ampliar o estabelecido.

oráculo já se deparava com elas. E visto sob um olhar rápido, não aprofundado, parece que essa força apolínea, responsável pela ordem e pela “justa medida”, está em baixa. Por outro lado, o que acontece com Dioniso? Sou muito cuidadosa em associar Dioniso ao caos e à baderna, porque não é exatamente isso. Ele é extremamente necessário, porque se você tem só Apolo tudo fica muito monocromático.

Nós somos, por natureza, constitutivamente múltiplos.

Não somos uma unidade. Existem vários “eus” que nos habitam. Ora um quer uma coisa, ora outro quer outra.

E sempre é necessário um exercício

Eu gosto de ser otimista e acreditar que desta bagunça toda, surgirá algo criativo e muito mais amplo na esfera do indivíduo e na esfera da sociedade. Acredito que podemos estar caminhando para a criação de um novo “belo”.

democrático interno para chegarmos a um consenso. Então, acredito que, num mundo onde só imperasse uma força apolínea, muito ficaria faltando, e o contrário também. É possível observar uma falta de limites muito clara no momento atual. Parece que valores estão perdendo seus contornos. Porém, é difícil estimar o resultado desse processo. Ao que isto vai nos levar? Será que retornaremos à barbárie ou será que isso é apenas uma passagem? Prefiro acreditar que a vida faz um movimento pendular. Já tivemos, num passado próximo, valores tão certos, tão estreitos e definidos. Há duas gerações atrás as pessoas viviam, de certo modo, com maior segurança, porque os valores eram mais claros e definidos, mas também muito mais difíceis de serem contornados. Porque se você

não coubesse em padrões tão bem definidos, teria mais problemas do que tem hoje. Penso que a essa insegurança ética, essa carência de paradigmas firmes pautando nossa vida faz parte desse movimento pendular, em busca do equilíbrio. Hoje é difícil achar um valor ético e /ou apolíneo que não seja questionável e vivemos, portanto, um momento aparentemente caótico quanto a isso. Por outro lado, uma prerrogativa importantíssima de Dioniso é que ele também permite a criação e é muito possível que a partir desse aparente caos, possa nascer algo positivo e criativo. Assim, para que haja saúde, é necessário que exista essa dinâmica pendular entre as forças apolíneas e dionisíacas.

■ **FN – Partindo destas ideias, poderíamos pensar que estamos vivendo numa era dionisíaca?**

MARIA CRISTINA – Tomo muito cuidado com esse tipo de afirmação. É melhor pensar em termos de uma força que vem de dentro da própria sociedade e da estrutura psíquica dos indivíduos que a compõem. Uma força que está rompendo com o conhecido, com o estabelecido e propondo algo novo que ainda não é claro. Nesse sentido, vivemos sim um momento dionisíaco. Porque aqueles valores e padrões de comportamento que há duas gerações eram inquestionáveis, hoje não se sustentam. E o que vai ser colocado no lugar ainda não está claro. Para qual formato estamos caminhando? Existem vozes pessimistas que dizem que é para o caos, para a barbárie. Eu gosto de ser otimista e acreditar que desta bagunça toda, surgirá algo criativo e muito mais amplo na esfera do indivíduo e na esfera da sociedade. Acredito que podemos estar caminhando para a criação de um novo “belo”.

■ **FN – Podemos considerar que, assim como na mente humana, individual e coletiva, também no Olimpo é necessária a convivência entre as divindades com as forças contraditórias que cada uma delas carrega?**

MARIA CRISTINA – Há mais possibilidade de saúde quando há espaço para ambos, o apolíneo e o dionisíaco. Acredito ser fundamental que aquilo que eles simbolizam possa existir e coexistir, numa determinada medida, tanto no indivíduo como na sociedade. É essencial para uma sociedade que a força apolínea atue estabelecendo determinados critérios e ordenações, por outro lado, é igualmente necessário que haja o impulso dionisíaco para questionar, rever e ampliar o estabelecido. É também importante salientar que fizemos aqui um recorte do mundo divino, focalizando a questão antagônica e complementar entre Apolo e Dioniso. Mas o Olimpo tem muitas outras divindades e cada uma delas também tem o seu âmbito de poder e de atuação na composição do mundo interno e externo. Existe, por exemplo, a força de Zeus, de Eros e Afrodite, de Ártemis, etc. Há muita sabedoria no simbolismo do panteão olímpico, onde todas as divindades têm as suas prerrogativas, necessárias para a composição multicolorida e multifacetada que é a existência humana.





calendário nacional

JANEIRO

FEVEREIRO

Início do processo eleitoral da IPA

MARÇO

► 12

SPPA Abertura do Ano Científico: "Sustentabilidade do humano"

► 27

A SPRJ na Psicanálise Brasileira

Abertura do Ano Comemorativo dos 60 anos da SPRJ

ABRIL

► 10 e 11

SSPPA e SBPdePA - Sonho/Ato: a representação e seus limites
Atividade preparatória do XXV Congresso FEBRAPS

MAIO

► 22 e 23

GEPMG Jornada Científica: Técnica Psicanalítica

JUNHO

► 12 e 13

SBPRP Congresso Preparatório para o XXV Congresso Brasileiro da FEBRAPS

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Aloysio Augusto D'Abreu
Secretário Geral: Paulo Cesar C. Lessa
Tesoureiro: Rosângela de O. Faria
Dir. Científico: Daniel Delouya
Dir. Conselho Profissional: Ana Paula T. Machado
Dir. Publicações e Divulgação: Zelig Libermann
Dir. Relações Exteriores: José Fernando de Santana
Dir. Superintendente: Vera Lucia de F. Benchimol

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO
Karel De Ublo

SECRETARIA

Renata Lang Marcel

CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula T. Machado
SBPSP: Alicia B. D. de Lisono
SPRJ: Paulo Cesar C. Lessa
SBPRJ: Wania Maria C. F. Cidade
SPPA: Jair R. Escobar
SPR: Eduardo Afonso Jr.
SPB: Sylvaime N. Levi
SBPdePA: Beatriz S. Behz
SPPel: José Francisco R. Pereira
SBPRP: Maria Auxiliadora Campos
APERJ-Rio4: Sergio Antônio C. da Costa
SPMS: Ana Deise L. Cardoso
GEPMG: Elieane de Andrade
GEPG: Daniel Emídio de Souza
GEPFor: Roberto N. Teixeira
GEPCampinas: Hang Ly Homem de I. Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernardo Tanis
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Daniel Delouya
Secretária: Beatriz T. Busatto
SBPSP: Vera Regina J. R. M. Fonseca
SPRJ: Marisa Helena L. Monteiro
SBPRJ: Liana A. de M. Bastos
SPPA: Maria Elisabeth Cimenti
SPR: Carolina C. Henriques
SPB: Mirian Elisabeth B. R. de Gregorio
SBPdePA: Silvia Skowronsky
SPPel: Christine M. C. Vinhas
SBPRP: Lia Fátima C. Falsarella
APERJ-Rio4: Eliana Lobo
SPMS: Joelma D. Victoriano
GEPMG: Rosália L. M. Bicalho
GEPG: Marísia Abrão
GEPFor: Galba L. Junior
GEPCampinas: Martha P. e Silva
GPC: Sérgio Kaio

DELEGADOS

Ana Cláudia de Almeida
Álvaro Velloso
Ana Paula T. Machado
Andreas Z. Linhares
Anette B. Luz
Carlos de A. Vieira
Celmy de A. A. Q. Correa
Christine M. C. Vinhas
Edival Antonio L. Perrini
Gisèle de M. Brito
Hang Ly Homem de I. Rochel
Helena A. Surreaux
Hemerson Ari Mendes
Jose de Matos
José Fernando de S. Barros
Judith Letsche
Soc. Bras. de Psicanálise de São Paulo (SBPSP):
Nilde J. P. Franch
Soc. Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ):
José de Matos
Soc. Bras. de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ):
Celmy de A. A. Q. Correa
Soc. Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA):
Anette B. Luz
Soc. Psicanalítica de Recife (SPR):
José Fernando de S. Barros
Soc. de Psicanálise de Brasília (SPBSb):
Carlos de A. Vieira
Soc. Bras. de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA):
Helena A. Surreaux
Soc. Psicanalítica de Pelotas (SPPel):
Hemerson Ari Mendes
Soc. Bras. de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP):
Rachel B. L. Beltrame
Assoc. Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ -Rio4):
Maria Adelaide da C. N. Leonardo
Soc. Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS):
Lenita O. N. Araújo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG):
Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG):
Álvaro A. Velloso
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor):
Paulo Marchon
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEP Campinas):
Nelson José N. Rocha
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC):
Edival Antonio L. Perrini

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

N. de Psicanálise de Marília e Região
N. Psic. de Aracaju
N. Psic. de Natal
N. Psic. do Espírito Santo
N. Psic. de Maceió
N. Psic. de Salvador
N. Psic. de Florianópolis
N. Psic. de Santa Catarina

FEVEREIRO 2015

ELEIÇÕES NA IPA

Em fevereiro de 2015, a IPA iniciará a votação para Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e o Board composto por sete Representantes de cada uma das três áreas administrativas: América Latina, América do Norte e Europa. Cada membro da IPA tem direito de votar nos três cargos executivos e em até sete candidatos de sua região.

Para o Board de Representantes, o Brasil pode eleger até dois candidatos, dependendo do número de votos obtidos. O voto é muito importante, pois só assim a psicanálise brasileira garantirá seu espaço plenamente.

Cada psicanalista pode se perguntar: qual a importância das eleições na IPA para psicanálise da América Latina e, particularmente, do Brasil? De acordo com Ruggero Levy (SPPA), que junto com Altamirando Matos de Andrade (SBPRJ-Rio2), exerce o segundo mandato como representante do Brasil, com a reforma administrativa realizada há alguns anos, a IPA democratizou-se significativamente: "O Board é eleito independentemente do Presidente, que é escolhido juntamente o seu Vice-Presidente, e do Tesoureiro, que também é votado de modo autônomo", explica.

Nesse sistema, o Presidente necessita aprovar suas iniciativas por uma Diretoria que não foi escolhida por ele e que representa os membros do mundo inteiro. Como os membros do Board exercem a ligação com as sociedades, o modelo possibilita aproximá-las das decisões da IPA. Como exemplo, Levy cita a proposta de redução do número de representantes regionais de sete para cinco. Os representantes da América Latina entenderam que isso enfraqueceria a presença da região no Board e se mobilizaram para reverter a tendência de aceitar esta proposição.

Para Levy, "a mobilização é fundamental nesse momento de renovação da representação brasileira, uma vez que Altamirando e eu estamos encerrando nossa atividade no Board, após quatro anos de trabalho". Segundo ele, é essencial a mobilização para fortalecer as representações brasileira e latino-americana em geral. "Por tudo isso, vamos votar maciçamente!", conclama.